



EPEPE
V ENCONTRO DE PESQUISA
EDUCACIONAL
EM PERNAMBUCO

Educação e Desenvolvimento
na Perspectiva do Direito à Educação

4 - Formação de Professores e Práticas Pedagógicas

JOVENS GRÁVIDAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A QUEM COMPETE ENSINAR?

Júlio César Rufino de Freitas - UFPE¹

RESUMO

O presente estudo, desenvolvido em três escolas da rede municipal de ensino do Ipojuca-Pernambuco, apresentou como objetivo verificar se/como os professores da disciplina de Educação Física trabalham com a temática da gravidez na adolescência, e analisar as concepções dos docentes acerca de: a quem compete ensinar a temática? Como aporte metodológico decorremos através de uma pesquisa de natureza exploratória-descritiva de abordagem qualitativa. Como instrumento para coleta de dados utilizamos a entrevista semiestruturada. Os resultados apontam que a inserção da temática no contexto escolar, é: insuficiente, acarretando na evasão de jovens grávidas das aulas de educação física escolar; omissa, na perspectiva do trabalho contínuo, transversal e interdisciplinar proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais; e, distante na formação e na prática docente, por não está inserida no Projeto Político Pedagógico.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na Adolescência; Educação Física; PCNs.

INTRODUÇÃO

No contexto escolar a temática gravidez na adolescência, quando tratada, é vivenciada de forma transversal, se constituindo como um problema de relevância social que é percebido quando os docentes caminham pelos corredores e observam com frequência o número de adolescentes grávidas. Desse modo, é necessário que os professores sejam orientados e capacitados para abordar a temática no âmbito escolar que muitas vezes é pouco abordada no ambiente familiar.

¹ Graduando do Curso de Educação Física – UFPE

Vale ressaltar, que nesta fase as adolescentes são marcadas por mudanças corporais e comportamentais: físicas, psíquicas e sócias. Assim com afirmam, Bouzas e Miranda (2004, p.27), “a gestação nessa faixa etária, embora possa ser desejada de forma consciente ou inconsciente, geralmente não é planejada, estando relacionada a fatores intrínsecos, da faixa etária, e extrínsecos, como socioculturais e econômicos”. Para tanto, acreditamos que as escolas devem adaptar seus currículos para essa nova demanda social, e incluir as temáticas relacionada a educação sexual no Projeto Político Pedagógico.

Atualmente observamos que a educação sexual está sendo mais debatida nas escolas por professores e alunos em virtude das sugestões propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que orientam e propõem ações voltadas para o trabalho no contexto escolar, quebrando tabus e preconceitos impostos pela sociedade.

Segundo os PCNs “a proposta (...) para educação sexual é que a escola trate da sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas” (BRASIL, 1998, p 67), sendo trabalhado em toda área educativa da educação básica e pelas diversas áreas do conhecimento, de forma transversal.

O objetivo dos Temas Transversais (TTs) segundo os PCNs (BRASIL, 1998) é formar cidadãos críticos, reflexivos, participativos e autônomos. Assim sendo, os componentes curriculares obrigatórios, como a Educação Física, deve participar desse trabalho de forma transversal e interdisciplinar sendo proposta e integrada no Projeto Político Pedagógico da Escola que norteiam as ações educativas estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996).

Segundo os PCNs a complexidade com que os temas são tratados, faz com que as diversas áreas isoladamente não sejam capazes de explica-los. Contrariamente a problemática dos TTs pode ser explorada nos mais diferentes campos do conhecimento, sendo seu objetivo principal “fazer com que os alunos se tornem capazes de eleger critérios de ação pautados na justiça, detectando e rejeitando a injustiça quando ela se fizer presente (...)” (BRASIL, 1998, p.35).

Portanto os PCNs, assim como os TTs, exigem que os professores sejam reflexivos no tratamento dos conteúdos e associem aos problemas emergentes no Brasil, como a gravidez na adolescência, sendo de grande importância, pois norteiam o processo de ensino-aprendizagem se incluído no currículo escolar.

Segundo Darido (2012), o professor de Educação Física se aproxima mais desse tema, pois “(...) privilegia o uso do corpo ou a construção de uma cultura corporal, cujos valores sobre beleza, estética corporal e gestual aparecem frequentemente (...)” (p.86) e os

temas transversais mostram que é possível a inserção da temática durante o planejamento das aulas de educação física.

Porém, não podemos responsabilizar unicamente a disciplina de educação física, pela ausência no tratamento da educação sexual no planejamento curricular escolar. Haja vista, que a disciplina é constantemente instigada por gestores e docentes institucionais a desenvolver o conteúdo, provavelmente pelo fato da movimentação corporal que os alunos exercem nas aulas práticas e nos momentos de lazer e recreação. Portanto, este profissional “não isoladamente” deve contemplar, transversalmente e interdisciplinarmente, a constituição física, biológica, psicológica, social, cultural, econômica e política que envolve o desenvolvimento dos corpos, dentre eles a gravidez na adolescência que se constitui como um problema social e atual.

Neste trabalho pretendemos verificar se/como os professores da disciplina de Educação Física trabalham com a temática da gravidez na adolescência. Além, de analisarmos suas concepções, acerca de: a quem compete o desenvolvimento da temática no ambiente escolar? Cabe ressaltar, que de acordo com os PCNs a sexualidade, deve ser trabalhada como tema transversal por todos os componentes curriculares.

METODOLOGIA

Partindo do pressuposto de que a pesquisa, segundo Gil (2002, p.17), é um “(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”, decorremos através de uma pesquisa de natureza exploratória-descritiva e qualitativa que abrangeu professores das escolas municipais localizadas em Ipojuca-PE.

Segundo Minayo (2004), a qualidade não se dissocia da quantidade sendo inseparáveis, e ambas contribuem na vivência e no aporte metodológico atribuindo significados frente à uma problemática. Por isso, optamos por uma abordagem qualitativa. Além disso, “a investigação qualitativa requer como atitudes fundamentais a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e de interação com o grupo de investigadores e com os atores sociais envolvidos” (MINAYO, 2004, p.101).

Para tanto, realizamos uma pesquisa exploratória-descritiva que, segundo GIL (2002), apresenta como objetivo uma maior aproximação do sujeito com o problema tornando-o explícito para construção de uma hipótese, e também apresenta como finalidade descrever a pesquisa de uma população ou fenômeno e estabelecer relações entre variáveis

dos processos e dos fenômenos. Mas, principalmente, ele é de natureza exploratória porque aborda: “(a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram (ou tem) experiências práticas com o problema pesquisado; (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão” (GIL, 2002, p.41)

População e Tamanho da Amostra

A população em estudo foi representada por todos os professores de educação física de três escolas da rede municipal de ensino do Ipojuca/PE. Correspondendo ao universo de sete professores, entre efetivos e temporários. Vale ressaltar, que nossa preocupação não está centrada em constituir um universo amostral. Assim como afirma Minayo (2004, p.11), a relação quantitativa não contempla a subjetividade, que explica “(...) os meandros das relações sociais consideradas essência e resultado da atividade humana criadora, afetiva e racional, que pode ser apreendida através do cotidiano (...)”.

Coleta e Preparação de Dados

O instrumento selecionado para coleta de dados foi a entrevista. Consideramos que, tal como Lüdke e André (1986, p.33-34), “a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”. As autoras afirmam que existe uma interação que permeia todos os sujeitos envolvidos na pesquisa tornando dinâmica, agradável e participativa a construção da entrevista. Para Gil (2002, p.115), “(...) é uma técnica de coleta de dados em que o investigador se apresenta frente ao entrevistado (...), com o objetivo de obter os dados que interessam a uma investigação”.

Assim sendo, o tipo de entrevista escolhido foi a semiestruturada, pois possibilita uma aproximação entre quem pergunta e quem responde, havendo uma troca recíproca sobre a temática abordada (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Complementando, tal como Triviños (1987, p.143) ao afirmar que é “um dos principais meios que tem o investigador para realizar uma colheita de dados”.

As entrevistas foram realizadas com o uso de gravador MP3 e posteriormente transcritas literalmente, firmando um compromisso ético com os entrevistados, respeitando o direito de privacidade e a garantia de que as informações prestadas seriam tratadas com total sigilo e anonimato. Portanto, o estudo respeitou os aspectos éticos da pesquisa de acordo com

as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996).

Entretanto, mesmo não citando na pesquisa os participantes, elaboramos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) informando e esclarecendo ao indivíduo de forma didática, bem resumida e em linguagem acessível as informações mais importantes da pesquisa, sendo entregue em duas vias assinada pelos participantes e pelo pesquisador, conforme a resolução nº 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996).

A coleta de dados aconteceu entre agosto e setembro de 2013, onde estabelecemos horários e locais com os professores entrevistados em respeito a suas atividades cotidianas. Portanto, para delimitar e não fugir da temática proposta decidimos sistematizar a entrevista semiestruturada. Nesse contexto, categorizamos conforme o quadro 01.

Quadro 01: Categorização das perguntas norteadoras da pesquisa, Recife, 2013.

NÍVEIS	PERGUNTAS NORTEADORAS
Primário	1. Qual sua idade?
	2. Qual seu gênero?
	3. Você trabalha a temática da Gravidez na Adolescência nas aulas de Educação Física?
	4. Como você direciona suas aulas para as alunas gestantes?
	5. A quem compete o desenvolvimento da temática no ambiente escolar?
Secundário	6. Ocorre evasão dessas jovens na escola onde leciona?
	7. Como você percebe sua participação enquanto formador de opinião?

Fonte: o autor (RECIFE, 2013)

Cada entrevista possui uma vertente e uma lógica própria do entrevistado, por isso decidimos delinear a pesquisa para que não houvesse fuga ao objeto de pesquisa. As perguntas em nível secundário (Quadro 01), foram utilizadas em momentos paralelos ou quando o entrevistado não conseguia mais construir e abordar a temática.

Análise dos dados

Na análise do material transcrito a partir do áudio gravado, as entrevistas foram enumeradas e catalogadas, seguindo a ordem de categorização. No decorrer do artigo as entrevistas aparecem com numerações, identificação do gênero, idade e data de sua realização. Optamos por não simplificar essas informações para melhor visualizarmos, no decorrer do texto. Ressaltamos, que na análise do resultado não colocamos a entrevista na íntegra, por conter dados não contemplados/analísados nesta pesquisa, assim decidimos analisar trechos para discutirmos com os autores que nos guiaram. Portanto, para não constituir um universo amplo e tornar impossível sua análise, “(...) o mais frequente é trabalhar com uma amostra, ou seja, com uma pequena parte dos elementos que compõe o universo” (GIL, 2002, p.125).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da análise dos dados coletados, percebemos em geral que os professores e as professoras entrevistadas trabalhavam com a temática dentro de um contexto transversal ao planejamento anual das aulas de educação física. Partindo desse pressuposto, buscamos apreender os conteúdos dos relatos analisados que estivessem relacionado à gravidez na adolescência e a educação física escolar. Por conseguinte, emergiram quatro tópicos para desenvolvimento da temática, sendo eles: Concepções dos Professores acerca da Gravidez na Adolescência; Evasão das Adolescentes Grávidas nas aulas de Educação Física; Adolescentes Grávidas nas aulas de Educação Física: Como Proceder; e, Gravidez na Adolescência: A quem compete ensinar?

Assim, visualizaremos abaixo os tópicos que norteiam essa pesquisa e a análise dos trechos que a compõe.

Concepção dos Professores acerca da Gravidez na Adolescência

Através dos relatos dos docentes, percebemos no discurso que existe muita dificuldade no tratar da temática proposta, bem como dos fatores que acarretam uma gravidez na fase adolescente e dos fatores relacionado ao corpo e as mudanças corporais. Segundo Jardim e Bretãs (2006, p.158) a sexualidade, incluindo neste contexto a gravidez na fase adolescente, “(...) está abertamente debatida na sociedade e nos meios de comunicação, como a televisão, o rádio e a Internet, que têm influenciado diretamente o comportamento do

adolescente com um bombardeio de informações em sua maioria, distorcidas (...)”. Por outro lado, entendemos que a escola se insere também nesta realidade de distorção, quando se ausenta do debate na comunidade.

Sabemos que a escola é um espaço apropriado para vivenciar a educação sexual, sendo um ambiente de instrução, e a gravidez na adolescência se enquadra como um problema social que deve ser trabalhado no âmbito pedagógico e familiar, como podemos observar nos depoimentos:

A gravidez acontece após o sexo, sem camisinha. As meninas são muito despreocupadas. (...) hoje percebemos que há uma preocupação com a gravidez na escola. Acredito que todos na escola devemos nos preocupar com essas meninas, (...) elas não foram preparadas para gerar uma criança. Infelizmente elas nem sabem a beleza que é ficar grávida. Sim, trabalhei em fevereiro com o assunto, antes do Carnaval. Não foi um projeto, realizei uma aula sobre prevenção. Foi diferente e bem dinâmica, eles participaram sabe, mas há muitos mitos que eles falam (ENTREVISTA 4, GÊNERO FEMININO, 28 ANOS, 29/08/2013)

(...) a gravidez nesta fase é causada pela ausência de informação. Minha mulher teve minha filha cedo, porque ela foi preparada pela família. (...) as meninas de hoje não têm uma preparação. A escola também tem uma parcela de culpa, por não instruir essas alunas, são imaturas. Aqui nós instruímos elas, mas não é frequente. Usamos muito a transversalidade. (...) Às vezes queremos trabalhar, mas não temos condições físicas. E quando surge uma oportunidade agarramos e trabalhamos com essas jovens, que não tem culpa de um sistema educativo precário. (ENTREVISTA 5, GÊNERO MASCULINO, 40 ANOS, 30/08/2013)

Frente às concepções dos entrevistados, verificamos que há um trabalho pedagógico com a temática no ambiente escolar de forma transversal como propõe os PCNs, ao abordar a Sexualidade e a Orientação Sexual, “(...) pois o documento foi desenvolvido com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica da escola em relação às questões da sexualidade (...)” (LIRA; JOFILI, 2010, p.31). Porém, segundo os entrevistados o tema (gravidez na adolescência) é tratado de forma ocasional nas aulas de educação física, não se constituindo como um projeto pedagógico permanente, transversal e interdisciplinar.

Portanto, Lira e Jofili (2010) acreditam que a insatisfação e a não-perpetuação podem suscitar uma inibição na capacidade investigativa dos adolescentes gerando ansiedade e tensão, inclusive nos professores. Consequentemente, é imprescindível que a orientação sexual se insira dentro do Projeto Político Pedagógico da escola, para que os objetivos propostos pelo PCN, inclusive o tema gravidez na adolescência, sejam vivenciados no cotidiano escolar e social.

Evasão das Adolescentes Grávidas nas aulas de Educação Física

Todos os professores que participaram da pesquisa, relataram a evasão das discentes grávidas das aulas de educação física. Quando questionados sobre os motivos que levam a essa evasão, um dos entrevistados afirmou que: “no ano passado eu tinha uma aluna que não assistia minha aula, e não sei o motivo”. (ENTREVISTA 1, GÊNERO MASCULINO, 25 ANOS, 15/08/2013). Nesta fala, compreendemos a ausência da busca pela informação que devem nortear o trabalho docente, sendo necessário uma relação de confiança entre alunos e professores no que tange a permanência do discente. Segundo os PCNs (BRASIL, 1998, p.302) os docentes “(...) precisam se mostrar disponíveis para conversar a respeito dos temas propostos e abordar as questões de forma direta e esclarecedora, exceção feita às informações que se refiram à intimidade do educador”.

Por outro lado, alguns professores se mostraram preocupados com o desempenho escolar, principalmente nas aulas de educação física, e buscaram auxílio familiar e escolar. A família influencia bastante a prática docente, como mostra as manifestações nos depoimentos abaixo, que denotam esse aspecto:

Na minha vida profissional várias alunas grávidas já desistiram das aulas, elas diziam que estavam cansadas e com dor de cabeça. Tentei por várias vezes fazer ela treinar com os outros, mas nunca conseguia. (...) busquei ajuda na secretaria e liguei para seus pais, informando que é saudável as aulas. Alguns ouviram, enquanto outros desligava na cara. (...) é muito difícil trazer a família para a escola, eles não se preocupam com o estado da filha. (...) Uma vez, uma mãe veio até a escola para saber qual era o estado da filha. Disse que ela não estava participando das aulas de educação física, porque estava sempre com dor de cabeça. Mas, a mãe não esboçou nenhum gesto. (ENTREVISTA 2, GÊNERO FEMININO, 25 ANOS, 16/08/2013)

(...) a família é muito ausente, elas não frequentam e nem procuram saber dos filhos. Como podemos trabalhar assim? Precisamos delas. Esse ano tenho uma aluna grávida. Tentei procurar sua ficha na secretaria, mas não encontrei. Precisava falar com eles para saber se a aluna tinha algum problema de coração, ou diabetes gestacional. Pois ela passa muito mal durante a aula. Acabo liberando a jovem das aulas. Não é rotina eu fazer isso. (...) eu só ligo para os pais quando a aluna passa mal. (ENTREVISTA 1, GÊNERO MASCULINO, 25 ANOS, 15/08/2013)

O que percebemos, com os depoimentos acima, é que a família influencia no trabalho docente, principalmente quando solicitada sua presença no ambiente escolar. Porém, segundo

os PCNs (BRASIL, 1998, p.302) “a escola deve informar, problematizar e debater os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade (...)”, para não prejudicar o trabalho pedagógico dos docentes. E a escola deve encontrar meios para evitar que as adolescentes sejam estigmatizadas por sua condição. Sendo imprescindível a participação da família na construção do processo ensino-aprendizagem.

Adolescentes Grávidas nas aulas de Educação Física: Como Proceder?

Quando procuramos saber como os professores procedem com as alunas grávidas durante uma atividade teórico-prática, a maior parte dos entrevistados alegaram adaptar os exercícios físicos a condição da aluna, diminuindo intensidade e volume na prática diária. Segundo os docentes:

Quando a aluna frequenta a aula, eu realizo uma atividade diferenciada. Por exemplo, no lugar de ela jogar futebol, coloco ela para tentar chute ao gol. Sem necessitar muito esforço. Mim preocupo com a situação, ela está em um momento de fragilidade corporal, não pode sobrecarregar. (...) as vezes eu também peço um atestado médico, quando não há ligo para os pais da estudando solicitando. Mas, eles não ligam. Tenho medo que algo aconteça com essas adolescentes e eu seja processado. (ENTREVISTA 3, GÊNERO MASCULINO, 25 ANOS, 19/08/2013)

Há uma diversificação no treino, eu jamais posso colocar uma aluna para jogar uma modalidade esportiva que exige correr, saltar e subir, e nem posso exagerar no treino. Veja, eu sei que deve ter um método para se trabalhar com elas, mas não sei como, nunca fui capacitado. Tive aula a 10 anos atrás sobre a educação física escolar, e na época não havia uma preocupação com esse assunto. Desejo trabalhar, mas preciso ser capacitado (ENTREVISTA 7, GÊNERO MASCULINO, 30 ANOS, 04/09/2013)

Notamos na fala dos entrevistados uma preocupação com a parte prática da aula. Em nenhum dos relatos, percebemos a inserção das jovens grávidas em atividade teóricas, e como eles procedem. Mas, olhando sobre uma ótica prática e a luz de alguns autores, como Chistófalo *et al.* (2003) e Assumpção *et al.* (2002), observamos que a diminuição da intensidade e do volume do treino, especificados nas duas entrevistas, ajudam a reduzir o estresse cardiovascular, previne deformações na coluna e melhora o corpo, estabelecendo uma relação de conduta saudável fisiologicamente, psicologicamente e socialmente.

No entanto por se tratar de um grupo especial exigisse cuidado, pois existem contraindicações em alguns casos, ficando totalmente proibida quando a gestante possuir doenças no miocárdio e hipertensão (REINEHR; SIQUEIRA, 2009), inflamações do tecido conjuntivo (doenças reumáticas), como: artrite, artrose, tendinite, bursite, sinovite e lombalgia

(COSTA, 2004), e outras patologias que devem ser investigadas por um profissional competente, não cabendo ao professor essa análise médica.

Além disso, todos os professores citam a ausência de uma formação para lecionar o conteúdo nas aulas de educação física. Logo, eles utilizam cotidianamente de métodos próprios apreendidos nos anos de experiência com o ensino da disciplina curricular.

Gravidez na Adolescência: A quem compete ensinar?

Percebemos no discurso de alguns docentes uma clara omissão no que se refere a abordagem da temática gravidez na adolescência, nas aulas de educação física. No qual, dos sete docentes analisado cinco responderam que o professor de ciências/biologia é o mais adequado para lecionar o conteúdo. Como o sétimo entrevistado, que afirma caber “ao professor de Ciências, (...), pois ele trabalha com reprodução dos seres” (ENTREVISTA 7, GÊNERO MASCULINO, 30 ANOS, 04/09/2013). Cabe-nos ressaltar que assim como propõe os PCNs (BRASIL,1989) e Ribeiro (2004), é imprescindível que a educação/orientação sexual se insira no ambiente escolar sendo consolidado no Projeto Político Pedagógico, e trabalhado de forma transversal, interdisciplinar e planejada.

Assim sendo, se todos se inserirem nessa proposta, construiremos um espaço consolidado de autonomia e busca pela satisfação pessoal e comunitária das nossas ações. E, não cabe unicamente a uma disciplina, mas:

(...) a todos os professores. Inclusive a nós, de educação física. (...) que devemos trabalhar com a corporeidade, incluindo as mudanças que acontecem nessa fase. É uma fase linda na vida da mulher, eu adoro trabalhar com elas. No ano passado trabalhei Yoga com todos os alunos. Foi muito inspirador, eles adoraram, inclusive ela. (...) eu tento adequar minhas aulas a situação dos alunos, como ao movimento do corpo, gênero e também as questões relacionadas a diversidade sexual. (ENTREVISTA 6, GÊNERO FEMININO, 29 ANOS, 04/09/2013)

Portanto, compete a todos nós professores a inserção da temática no âmbito escolar, no Projeto Político Pedagógico. Podendo, na Educação física, trabalharmos o corpo, gênero e prevenção, sem nos separarmos das outras áreas do conhecimento. Segundo Cruz e Palmeira (2009, p.119), “Durante as aulas de Educação Física, por exemplo, ficam evidentes as diferenças corporais existentes entre meninos e meninas, como resultado das implicações das normas e transformações a que os corpos são submetidos na sociedade”. Deste modo, cabe a todos construirmos coletivamente as temáticas que são propostas pelos PCNs de forma transversal, incluindo a Gravidez na fase da adolescência.

Vale ressaltar, que não estamos omitindo o papel da escola, família, comunidade, município, estado e país. Pois, compete a eles também a inclusão destas jovens grávidas na sociedade, sendo considerada atualmente um problema de saúde pública e de grande relevância mundial.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa possibilitou o aprofundamento da minha reflexão e inquietação acerca do tratamento da temática gravidez na adolescência no âmbito escolar, e como ela se insere no contexto interdisciplinar e transdisciplinar, nas aulas de educação física, proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Ao analisarmos as informações percebemos que o não tratamento do conteúdo acarreta na evasão das adolescentes. Como consequência a maioria delas se abstém: das aulas de educação física, acarretando no baixo rendimento escolar; e da relação de conduta saudável fisiologicamente, psicologicamente e socialmente que o grupo constrói durante as aulas no âmbito escolar, que a conduz para a vida.

Durante a entrevista percebemos que a maioria dos professores demonstraram interesse em trabalhar a temática, mas encontravam dificuldades por não estar inserida no Projeto Político Pedagógico da escola. Além disso, os mesmos afirmaram não saber como proceder com as jovens grávidas nas aulas práticas da disciplina de educação física, utilizando suas experiências de vida sem ter um embasamento científico, pois, o conteúdo não era contemplado nas aulas teóricas.

Na visão dos professores, quando questionados a quem cabe ensinar o conteúdo gravidez na adolescência, percebemos que a maioria não se enquadra como o profissional adequado. Segundo os mesmos, a disciplina de ciências ou biologia deve se encarregar desse conteúdo. Vale ressaltar, segundo os PCNs, que os professores devem interagir de forma interdisciplinar na construção transversal da temática.

Ficaram evidentes os desafios e percalços em trabalhar com a temática gravidez na adolescência no âmbito escolar, principalmente pelo profissional de educação física. Portanto, várias questões foram respondidas e abertas por essa pesquisa, principalmente no que tange a prática docente.

Entendemos, contudo, que esta pesquisa é fundamental para delimitarmos ações políticas de inserção da temática orientação sexual no currículo educacional das escolas municipais de Ipojuca e do estado de Pernambuco. Além de fomentar à formação dos

professores sobre a temática: gravidez na adolescência; que ainda é precária, principalmente nos municípios distantes da capital pernambucana. No entanto, está problemática que emerge nos dias atuais não se traduz apenas como uma realidade presente nos municípios pernambucanos, se constituindo como um problema social de relevância nacional e mundial.

REFERÊNCIAS

ASSUMPCÃO, L.O.T.; MORAIS, P.P.de; FONTOURA, H. Relação entre atividade física, saúde e qualidade de vida: Notas Introdutórias. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 8, n.52, setembro de 2002. Disponível em: <http://www.extensao.cederj.edu.br/material_didatico/>. Acesso em: 22 de outubro de 2013.

BOUZAS, I.; MIRANDA, A.T. Gravidez na adolescência. **Revista Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, março de 2004. Disponível em: <<http://www.adolescenciaesaude.com/>>. Acesso em: 22 de outubro de 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

_____. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Secretária de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Conselho Nacional de Saúde. **Diretrizes e normas Regulamentadoras de pesquisas Envolvendo seres humanos**. Resolução 196/96. Brasília: MEC, 1996. Disponível em:< <http://www.ufrgs.br/HCPA/gppge/res19696.htm>>. Acesso em: 23 de setembro de 2013.

COSTA, A.J.S. Musculação na gravidez. **Revista Virtual EF artigos**, Natal-RN, v.2, n.7, agosto de 2004. Disponível em: <<http://babyview.com.br/artigos/ArtigoBabyView1210c.pdf>>. Acesso em: 22 de outubro de 2013.

CHISTÓFALO, C.; MARTINS, A.J.; TUMELERO, S. A prática de exercício físico durante o período de gestação. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 9, n.59, abril de 2003. Disponível

em: <file:///C:/Users/Rufino%20PC/Downloads/a-pratica-de-exercicio-fisico-durante-o-periodo-de-gestacao%20(1).pdf>. Acesso em: 22 de outubro de 2013.

CRUZ, M.M.S.; PALMEIRA, F.C.C. Construção da identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.15, n.1, p.116-131, jan./mar. 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Rufino%20PC/Downloads/BoletimEF.org_Construcao-de-identidade-de-genero-na-Educacao-Fisica-escolar.pdf>. Acesso em: 03 de dezembro de 2013.

DARIDO, S.C. **Temas transversais e a educação física escolar**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 76-89, v. 16.

GIL, A. C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002.

JARDIM, D.P; BRÊTAS, J. R. DA S. Orientação Sexual na escola: concepção dos professores de Jandira - SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.59, n.2, p. 157-62, mar./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n2/a07.pdf>>. Acesso em: 22 de novembro de 2013.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

LIRA, A.; JOFILI, Z. O tema transversal orientação sexual nos PCN e a atitude dos professores: convergentes ou divergentes? **Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente**. Niterói, v.3, n.1, p.22-41, abr. 2010. Disponível em: <<http://www.unipli.com.br/mestrado/img/conteudo/artigo2.pdf>>. Acesso em: 29 de novembro de 2013.

REINEHR, J.G.; SIQUEIRA, P.C.M. Atividades e exercícios físicos para gestantes. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 13, n.128, janeiro de 2009. <www.efdeportes.com/home>. Acesso em: 29 de outubro de 2013.

RIBEIRO, P. R. M. **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.